



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 24

Linha do tempo

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Tem um romance que eu gosto muito – e eu sei que não estou sozinha nessa – chamado "Matadouro-Cinco". "Slaughterhouse Five", em inglês. O livro é de um escritor americano chamado Kurt Vonnegut. A trama é bem complexa – e eu não vou tentar resumir aqui porque a gente tem muita história pra contar – mas eu fiquei lembrando dela enquanto a gente fazia o episódio da semana. Porque nesse romance tem um lance de viagem no tempo.

O protagonista do livro é um soldado da Segunda Guerra Mundial, e ele é sequestrado por alienígenas, ou acha que foi sequestrado por alienígenas. Enfim, esses alienígenas vivem um conceito do tempo completamente diferente do nosso. Pra eles, tudo que já aconteceu ou vai acontecer no universo tá acontecendo ao mesmo tempo. E eles têm dó da gente, porque a gente vive refém da linha do tempo. Quando um momento passa, a gente vive o luto por aquilo que a gente nunca mais vai sentir, nunca mais vai ver. Pra eles, não tem nada disso. O presente nem existe. Tudo é presente.

Eu pensei nesse romance porque essa semana, a gente tem algumas histórias que bagunçam a nossa ideia de linha do tempo. O que é presente, o que é passado – e como essas coisas se misturam.

No primeiro ato, a Bárbara Rubira ouviu uma história sobre uma família que desenvolveu um método caseiro pra viajar no tempo.

Maria Clara Villas: Eu sou a Maria Clara, eu tenho 32 anos.

Bárbara Rubira: A Maria Clara Villas é ouvinte do Rádio Novelo Apresenta. E ela mandou um e-mail pra gente, sugerindo que a gente contasse uma história da família dela aqui.

Maria Clara Villas: Eu pensei muito na história dos cadernos do meu pai, que é uma história que eu adoro contar. Então, assim, é super "conversation starter" assim, sabe? Quando encontro com alguém que não conheço, tal, eu sempre uso como curiosidade assim da minha vida, tipo falar: "Ah, sabia que eu tenho todos os dias da minha vida registrados pelo meu pai?"

Bárbara Rubira: Todos os dias da vida registrados pelo pai. A Maria Clara tem 32 anos. São quase 12 mil dias. Mas ele faz, assim, todos os dias. Desde 1990, 21 de maio de 1990, tem lá todos os dias registrados.

É como se o pai da Maria Clara tivesse começado a escrever um diário quando ela nasceu e não tivesse parado nunca mais. Tipo: a Maria Clara pode escolher qualquer data dos últimos 32 anos, e checar lá nos cadernos o que que aconteceu. Coisas que ela nem tinha idade pra lembrar: chilikques que ela deu quando era criança, amizades com outras crianças que ela nem lembra mais quem eram. Uns eventos totalmente banais, outros mega importantes, e às vezes uns até meio traumáticos. Tá tudo lá.

Maria Clara Villas: Eu sempre falava pro meu pai: "Nossa, é bom que se um dia eu ficar famosa, o meu biógrafo vai estar com uma mão cheia, porque vai ter tudo lá pra ele analisar". Enfim, já tá meio caminho andado.

Bárbara Rubira: A família Villas chama esses registros todos simplesmente de "os cadernos". Porque, a princípio, eles eram cadernos mesmo. Tipo um caderno de escola, normal, com espiral e pauta. E os registros eram todos feitos à mão, escritos com caneta.

Maria Clara Villas: A gente passou por muitas décadas nesse processo de registro e tudo mais, várias mídias diferentes.

Bárbara Rubira: Com o passar dos anos, as tecnologias foram evoluindo, e os cadernos também. Quer dizer: não é que os "cadernos" agora tão online, em um Google docs, num blog – ou, sei lá, no TikTok. Mas, hoje em dia, o pai da Maria Clara prefere digitar o texto no computador. E aí ele imprime e cola no caderno, na página do dia. Quando um caderno chega no fim, ele começa outro. E assim vai. E a cada três meses, mais ou menos, ele junta os cadernos numa encadernação caprichada, com lombada e tudo. Então, na casa dos pais da Maria Clara, tem quase uma biblioteca, com todas as décadas de cadernos, organizados por data.

Maria Clara Villas: Meu pai faz todo dia, então, claro que às vezes, quando viaja, ele vai anotando num caderninho, depois ele faz lá um pouco atrasado, mas é todo dia. Então sempre tinha o momento que "seu pai está fazendo o caderno", sabe? Então é uma história que a gente tem muito carinho, a família toda, assim, meu pai principalmente. Meu pai vai amar falar, ele é leonino, então ele adora falar, adora contar, pra ele é um super motivo de orgulho. Enfim, é um projeto de vida, né? Acho que é o grande projeto da vida dele no fim das contas.

Alberto Villas: Tá, eu vou te contar a história toda então, né? Aí depois, se for o caso, você edita.

Bárbara Rubira: O Alberto Villas, o pai da Maria Clara, é jornalista e escritor, com vários livros publicados. Mas a maior obra da vida dele não chegou na mão de nenhuma editora. Lembra que eu falei que eram 32 anos de cadernos — a idade da Maria Clara? Pois é, então. São mais. A história dos cadernos começa nos anos 70, na verdade. Muito antes da Maria Clara pensar em nascer.

Alberto Villas: Eu me casei em 1972, e aí eu passei oito, sete anos na França, em Paris.

Bárbara Rubira: O Brasil estava vivendo a ditadura militar – e o Alberto, estudante e, nas palavras dele, bem "ripongo", estava pra se formar em jornalismo na Universidade Federal de Minas Gerais. Mas ele decidiu largar o curso e ir pra Europa, meio num "autoexílio".

Alberto Villas: E eu tive dois filhos desse primeiro casamento meu.

Bárbara Rubira: "Desse primeiro casamento" dele – quer dizer: os dois primeiros filhos do Alberto, irmãos mais velhos da Maria Clara, nasceram lá em Paris. Mas o Alberto conheceu a mãe da Maria Clara só muitos anos depois, aqui no Brasil, depois que esse primeiro casamento já tinha acabado.

Alberto Villas: Quando eu falo primeiro, eu tive dois casamentos só, senão parece assim: "O terceiro casamento, o quarto". Foram dois só. Eu fiquei casado nesse primeiro casamento 13 anos. Aí, em 77, nasceu o Julião, o Julião Villas, que é o meu primeiro filho.

Bárbara Rubira: O Julião, filho mais velho dele, tá com 45 anos hoje, e mora em Minas. E é ele, na verdade, o verdadeiro culpado por toda essa história dos cadernos. Bom, acho que chamar ele de culpado é um pouco injusto. Ele nem tinha nascido quando tudo começou.

Alberto Villas: Quando o Julião estava pra nascer, eu falei assim: "Eu vou registrar o primeiro mês do meu filho, assim, dia após dia, achando que um mês já era uma coisa assim... Aí fui lá na livraria Saint Germain, comprei um caderno lindo, na França tinha uns cadernos grandes. Agora aqui tem também, mas aqui não tinha. Mas eram uns cadernos quadriculados enormes, assim, super bonitos, com a capa dura. E aí falei assim: "Eu vou escrever cada dia, o primeiro dia, o segundo dia, o terceiro dia e o quarto dia, até 30 dias! Ele vai ter registrado como um documento pra ele". Eu guardei o primeiro jornal, o jornal do dia. Não tinha computador. Eu fiz uma margem com a régua e caneta coloridas, e escrevi lá: "Paris, 6 de novembro de 1977".

Bárbara Rubira: Não dá pra descrever os cadernos do Alberto como "diários" exatamente. Porque, na maioria das páginas, além de escrever o texto do dia, ele cola um monte de memorabilias. Numa pegada meio scrapbook, sabe?

Alberto Villas: Eu pus lá o papelzinho que o hospital deu pra registrar ele. Que foi uma pendenga pra registrar, porque na França não tem til e Julião tem til, então virou Juliao. E tudo isso está contado no caderno. Aí a médica deu uma vitaminazinha. Eu pus lá a embalagenzinha,

recortei. Aí chegou a foto de um sobrinho que nasceu e eu pus a foto. Aí foi crescendo desse jeito.

Bárbara Rubira: O Alberto, longe de todo o resto da família, e pai de primeira viagem, se empolgou com esses primeiros registros. Que eram pra ser só do primeiro mês de vida do Julião, lembra?

Alberto Villas: Eu me entusiasmei tanto com o caderno que eu falei: "Eu vou escrever os 6 primeiros meses, porque assim um mês só já acabou. Eu vou parar por aqui? Está tão lindo o caderno, cheio de coisa".

Bárbara Rubira: Só que aí, no sexto mês de vida do Julião, aconteceu uma coisa.

Alberto Villas: Quando chegou o sexto mês, a Mariangela, minha primeira mulher, ficou grávida da Sarah. Ela nasceu um ano e pouquinho depois. Aí eu falei: "Vou esperar o outro nascer, pra continuar os cadernos até o outro... Quando o outro nascer, eu faço um mês dele e paro".

Bárbara Rubira: Então o Alberto ia continuar fazendo – mas só até o primeiro mês de vida da Sarah. Tá vendo onde isso vai chegar, né? Bom, a narrativa oficial é que o que levou essa história para um outro patamar foi uma consulta numa pediatra, lá na França.

Alberto Villas: Mas aí essa pediatra falou assim: "Olha, até sete anos, antes de sete anos a gente não lembra de nada que aconteceu com a gente. Lembra vagamente de uma coisa ou vendo fotografia, às vezes você viu uma fotografia lá do seu primeiro dia de aula, você tem uma vaga lembrança assim, mas não é uma coisa. Ah, eu me lembro quando eu comecei a engatinhar! Ninguém lembra, ninguém lembra quando começou a falar, quando caiu o primeiro dente, não lembra".

Bárbara Rubira: É verdade que a gente tende a não lembrar de nada dos primeiros anos de vida. Chama "amnésia infantil". E o que acontece é que por volta dos sete anos, a gente começa a esquecer da maior parte das coisas que a gente viveu até aquele momento. Não é que não dá pra reter nada. É muito caso a caso. Mas dá uma aflição mesmo assim. Pensar que tudo que a

gente viveu, anos de formação, o momento em que a gente vai virando gente, tudo isso vai derretendo e sumindo da nossa cabeça. E, no caso do Alberto, essa informação foi uma inspiração.

Alberto Villas: Aí eu falei: "Vou fazer até os sete anos da Sarah, que a partir daí ela vai lembrar as coisas. Então o que ela não lembrar tá aqui no caderno".

Bárbara Rubira: Sete anos. Ok, você já deve tá duvidando da palavra do Alberto. Mas, naquele momento, foi isso mesmo. Os cadernos do Julião e da Sarah continuaram até a Sarah completar sete anos. Aí, o Alberto parou de registrar. Naquela altura, a família já tinha voltado pro Brasil, e estava morando em São Paulo.

Poucos anos depois – quando os filhos ainda eram crianças – o Alberto e a Mariangela se separaram. E, vários anos depois disso, o Alberto foi chamado pra trabalhar na TV Bandeirantes. Logo no primeiro dia no trabalho novo, uma segunda-feira, ele conheceu a Paula. E, na sexta-feira daquela semana, a Paula já estava largando tudo e se mudando pra casa dele. O pessoal todo da Bandeirantes achou que eles tinham ficado malucos, que essa paixão toda ia durar umas duas semanas, um mês no máximo. Mas o Alberto e a Paula já estão juntos há 34 anos.

Alberto Villas: Aí a gente teve a Maria Clara. Aí antes de ter a Maria Clara, aí veio a ideia: Claro que eu vou fazer o caderno da Maria Clara! Aí fiz a mesma coisa, comprei um caderno legal, preparei o caderno e tal. A Maria Clara nasceu dia 21 de maio de 1990. Tá lá, 21 de maio, primeiro dia, tá tudo lá, bonitinho, escrito, recortes de jornal. Aí eu pensava em fazer os sete anos.

Bárbara Rubira: Ou seja: dessa vez, o Alberto não deu a largada no caderno achando que ia ser só um mês. Como os dois primeiros filhos tinham cadernos até os sete anos, a terceira filha ia ter a mesma coisa. E a quarta também. Em 94, nasceu a filha caçula do Alberto e da Paula, a Marília. Então, é claro que a Marília ia ter os primeiros sete anos de vida dela registrados também. E aí pronto, encerrada essa fase, acabam os cadernos. Só que você já deve tá imaginando que não foi bem assim, né?

Maria Clara Villas: Quando a minha irmã completou sete anos, ele meio não quis parar.

Bárbara Rubira: Aqui é de novo a Maria Clara, que trouxe essa história pra gente. Ele falou: "Cara, eu estou aqui, é um negócio que eu já consegui colocar na minha rotina. Eu vou parar?". E ele ficou meio assim: "Ah, acho que eu vou continuar".

Alberto Villas: "Não para!" Sabe? Elas me incentivaram a não parar. "Pai, não para!" Falei: "Não tem mais sentido ficar..." "Não, escreve um caderno da família!"

Bárbara Rubira: Como as meninas já estavam grandes, em vez de fazer o caderno da Maria Clara e o caderno da Marília, o Alberto passou a fazer os "cadernos da família". E continua assim até hoje. A Maria Clara tá com 32 anos, e a Marília tem 28. Hoje cada uma mora na própria casa, tem a própria vida, o próprio trabalho.

Maria Clara Villas: Claro que hoje o meu pai escreve no caderno, mas eu falo com a minha mãe todo dia, mas assim, natural, né? "Oi, mãe, o que você fez hoje?" e ela conta pra ele, mas ele não anota, assim, com todo o esmero, tipo: "A Maria Clara hoje fez isso, fez aquilo", porque ele também não fica também perguntando pra gente, é uma coisa bem invasiva. Acho que é a vida, você vai ficando mais velha é a visão dele, principalmente depois dos sete anos, assim que aí virou o caderno da família. E aí eu lia o caderno e ia ver as minhas fotos e a ver meus posts antigos do Instagram, porque eu falava assim: "Gente, nessa época ele escreveu desse jeito, mas isso estava rolando na minha vida pessoal, que não tá ali de certa forma, mas estava um pouco assim".

Bárbara Rubira: A Maria Clara e a Marília visitam os pais quase toda semana. E quase sempre tem algum momento do encontro em que eles pegam algum dos cadernos pra ficar folheando, lembrando. E tem uma coisa que é o que a Maria Clara acha a parte mais legal dos cadernos: os recortes de jornal.

Maria Clara Villas: Pra ele, era tão importante quanto colocar lá: "Hoje ela mamou tanto de leite, acordou a noite, ele aprendeu a andar", ele colocava também as notícias de jornal. Recorte mesmo. E assim, meu pai, ele tem um olho bom pra isso, porque não era só as grandes

notícias, grandes acontecimentos. Eram coisas banais, assim, que você vê no jornal que você nem percebe que isso, depois de um tempo, você vai olhar e você falar: "Cara, que interessante que é pensar que nessa época isso foi falado, isso apareceu".

Bárbara Rubira: Além de um retrato da vida da família e da infância dos filhos, os cadernos servem também como um registro de como era o mundo naquele momento.

Alberto Villas: Na verdade, nunca era a notícia principal do dia. Se você pegar hoje a notícia principal do dia é o teto de gastos, é a meta da inflação, que é muito chato. Você vai repetir isso aí, já tem 50 anos que a gente tá falando isso. Então eu pego as notícias assim.

Maria Clara Villas: Tem coisas tipo quando o kiwi surgiu, que o kiwi era uma fruta que não existia. Então tem lá assim tipo: "Chegou a fruta exótica, conheça". Então é um tipo de coisa que assim, talvez uma pessoa que fosse pensar uma coisa mais histórica, não colocaria isso como uma notícia, mas pra ele aquilo era interessante. Ele sempre pensou nisso do tipo: "Quando a gente ver isso depois, vai ser interessante ver. Será que isso vai continuar?"

Alberto Villas: O que tem de blefe aqui é uma coisa impressionante, sabe? Assim: "O elefante vai desaparecer em dez anos". O panda tá desaparecendo desde 77, no caderno do Julião. "O urso panda pode desaparecer a qualquer momento". "Os últimos ursos panda". Tá tudo registrado. A Maria Clara quando pega, fala: "Nossa, quando eu nasci estava inaugurando a MTV!". A Marília foi no Plano Real. As notas de Cruzeiro estão todas aqui: "Sai a nota nova de 50 mil cruzeiros". Esse tipo de notícia, e muita moda também. "Tá na moda agora usar não sei das quantas". Eu ponho aqui coisas que foram embora.

Maria Clara Villas: Aí você vai sacando como o negócio é gigantesco. São muitos dias. Todos os dias!

Bárbara Rubira: Boa tarde, aqui é Bárbara, eu vou na casa do Alberto, é apartamento 21.

Bárbara Rubira: Conversando com a Maria Clara e o Alberto, eu fiquei doida pra ver os cadernos ao vivo. Então eu marquei de ir até a casa do Alberto e da Paula, os pais da Maria Clara, aqui em São Paulo. Foi a Paula que me atendeu na porta.

Paula: Bárbara, você tem medo de cachorro?

Bárbara: Não tenho.

Bárbara Rubira: Nesse dia a família Villas se reuniu pra me receber. Logo que eu entrei no apartamento, eu já dei de cara com eles: pilhas e pilhas de cadernos em cima da mesa de jantar. Depois da encadernação, eles ficam com uma cara de enciclopédia antiga, tipo coleção de Barsa, sabe? No site da Rádio Novelo tem fotos, se você quiser ver. Mas, ali, na casa, eu entendi que os cadernos não eram a única obsessão do Alberto. Ele é um cara super colecionista. Ele tem coleção de CDs, de livros, de revistas novas e antigas. Depois que os filhos saíram de casa, vários cômodos ficaram dedicados a armazenar essas coleções da National Geographic, da Revista Realidade, da piauí, da Quatro Cinco Um.

Bárbara Rubira: Gente...

Alberto Villas: Aqui tem, aqui tem, ali em cima, está tudo cheio. Lá dentro os armários estão todos cheios.

Bárbara Rubira: As edições dos cadernos da Maria Clara e da Marília ficam armazenadas num quartinho. Os cadernos do Julião e da Sarah, os irmãos mais velhos, estão na casa da Sarah, em Minas – e quem sabe um dia eu dou um pulo lá pra conhecer. Mas ali, na casa do Alberto, a coisa é muito organizada. Não sei se foi porque, na minha expectativa – quando eu pensei numa obsessão desse tamanho – eu imaginei tipo aquele programa Acumuladores, do Discovery, mas me chamou muito a atenção a minúcia da organização.

Alberto Villas: Antes era cada um de um tamanho e cada um de um formato. Agora não, são todos, são todos iguaizinhos. Assim, eu faço em folha A4, porque antes eu comprava caderno, depois tirava a capa e mandava encadernar.

Bárbara Rubira: Ficaram lindos, coloridos.

Bárbara Rubira: Mas apesar da coleção de cadernos ser toda muito bem armazenada e bem-organizada, é tudo físico, né? Papel, guardado em um armário.

Maria Clara Villas: Mas essa é a grande questão, assim, do futuro, né? Porque eu tenho muito medo disso estar só ali e não ter um backup disso, sabe? Eu penso muito nisso. A gente sempre falava tipo: "Se um dia tiver um incêndio em casa, cada um pega o máximo de caderno que conseguir". Claro que eles ficam guardados, tal, mas eu morro de medo de cupim e tal. Enfim, ninguém faz nada, mas uma hora eu sei que eu vou sentar e vou digitalizar isso.

Bárbara Rubira: Enquanto os cadernos não são digitalizados e guardados em alguma nuvem por aí, o melhor jeito de mergulhar neles é abrindo e folheando cada um, mesmo. E foi isso que a gente fez naquele dia.

Maria Clara Villas: Que que vocês estão fazendo?

Alberto Villas: Estamos mostrando pra ela. Falando um pouco da obsessão que era o registro dos primeiros cadernos, dessa coisa assim: está com febre, acordou, dormiu 3 vezes à noite, mamou tantas vezes, mamou no peito uma, duas, três, quatro, nove, vezes, não quis dormir à noite, dormiu.

Maria Clara Villas: Depois vai ficando mais vago, mas ao mesmo tempo outras coisas.

Alberto Villas: Aí começa a época da escola, né, quando vai pra escola. E tem umas coisas registradas aqui muito engraçadas assim. A Maria Clara, por exemplo, ela encasquetava que não podia faltar na escola de jeito nenhum, que era o dia mais importante da vida, e isso assim na educação infantil. Queria ir com 40 graus de febre, e tá registrado que a gente não deixou ela ir, mas ela chorou.

Marília Villas: Aqui, ó, exatamente: Maria Clara ainda com febre. Mesmo assim foi pra escola, porque não queria perder a festa americana.

Bárbara Rubira: Pra Maria Clara, poder ver esses detalhes da personalidade dela, registrados desde que ela era pequena, é uma coisa muito reveladora.

Marília Villas: A pérola do dia ficou por conta da Maria Clara. De noite, em casa, ela virou e disse: "Gente, parece que estou em prisão domiciliar. Tem quatro dias que não coloco o pé na rua!"

Bárbara Rubira: Depois de ver os de 2020, esse aí fica fácil...

Alberto Villas: Parece que eu estou em prisão domiciliar...

Maria Clara Villas: Eu não queria ficar em casa de jeito nenhum, eu só queria sair. Isso eu tinha 11 anos. Até hoje, a Nat às vezes fala assim: "Vamos ficar em casa o dia inteiro". Mas eu preciso sair. Eu sou assim desde que eu nasci!

Marília Villas: Mas eu acho que a coisa que mais tem é: febril. Febre.

Bárbara Rubira: Mas diário de criança é isso, né?

Marília Villas: Nossa, eu folhee aqui, já tinham cinco: "Meninas estão com febre", "Não sei quem está febril", "Maria Clara um pouco febril, sem sentir nada". No dia seguinte: "a Maria Clara acordou sem febre, foi para a escola e voltou quente". "Maria Clara com um pouco de febre. Não foi na nataçãõ".

Bárbara Rubira: A Maria Clara nasceu em 90, e a Marília, em 94. E, lembra? Quando o Alberto começou a fazer os cadernos, a ideia era seguir até os sete anos, como tinham sido os do Julião e da Sarah. Então, por um tempo, ele escrevia dois cadernos simultaneamente. É engraçado porque, para um mesmo dia, o Alberto fazia textos diferentes, meio que cada um sob a perspectiva de uma filha. Por exemplo: na semana em que a Marília nasceu, no caderno dela tá escrito o que estava rolando na maternidade. Já no da Maria Clara, fala o que acontecia depois que o Alberto voltava pra casa pra encontrar com ela e contar da irmãzinha.

E os recortes de notícias também. O Alberto assinava mais de um jornal, e assina até hoje. Então era um pra cada caderno. Às vezes tinha a mesma coisa — tipo no dia que o Brasil foi tetra — e às vezes coisas diferentes. Mas

sempre um recorte pra cada uma. Isso rolou por um período de cerca de 3 anos: do nascimento da Marília até a Maria Clara completar 7 anos.

Maria Clara Villas: Aí ele fez: "Decidi parar de registrar o diário dela. Por quê? Porque agora a Maria Clara precisa andar mais sozinha, com a cabeça, as pernas, o coração. Dá uma tristeza parar, mas chegou a hora. O importante é frisar que a vida da Maria Clara está apenas começando e que a amamos muito".

Alberto Villas: E não parou, né?

Maria Clara Villas: É, o meu continuou mais uns quatro anos com a minha irmã, que era só dela, mas era de todo mundo.

Bárbara Rubira: O caderno "oficial" da Maria Clara acabou. Mas no período dos 7 aos 11 anos, a vida da Maria Clara está basicamente registrada no caderno da irmã.

Marília Villas: Esse é o último, quando eu fiz sete anos. Último dia, no meu aniversário. Aí tem a foto com os cadernos, tem o desenho.

Maria Clara Villas: Ah, aí ele pedia pra cada uma escrever! O seu não tem?

Marília Villas: O meu tem.

Maria Clara Villas: Ah, tem história dos cadernos aí.

Marília Villas: Tem a história dos cadernos

Marília Villas: "Todos juntos, é a maior herança que o pai deixa para suas filhas".

Bárbara Rubira: Lendo os últimos registros dos sete anos de cadernos de cada uma, dá pra sentir o quanto as meninas amavam os cadernos. E dá pra entender por que, mesmo com as meninas crescendo, o Alberto quis continuar. Foi aí que eles ganharam outro nome na capa: os "cadernos da família". Hoje um pouco mais modernos, com textos digitados e fotos impressas, sem precisar esperar dias pra revelar o filme. E com uma rotina

de família diferente também. Os boletins médicos e relatos de febre deram lugar pros momentos especiais, de conquistas no trabalho, de viagens. E as meninas mandam fotos pros pais, que o Alberto imprime e coloca lá. Nos cadernos mais recentes, tem muitas fotos também dos netos do Alberto, que vivem lá em Minas. Tem registros de coisas rotineiras na casa do Alberto e da Paula, como as receitas da semana e a bagunça dos cachorros, a Shakira e o Canela, que agora viraram os xodós da casa.

Maria Clara Villas: Não, os cachorros.... (risos) Não, é só cachorro!

Marília Villas: É só cachorro! Aqui são as fotos que a gente manda.

Maria Clara Villas: Não, e agora é isso: "É impressionante como Canela se habitua a fazer certas coisas".

Bárbara Rubira: Canela está com febre (risos).

Maria Clara Villas: Olha aqui, até aqui: "Aí chega aqui no segundo andar e limpo a patinha dele, o bumbum e a boca, tiro a roupinha dele e coço ele todo. Fica super feliz!"

Marília Villas: Pai coruja.

Maria Clara Villas: Aí aqui: "Sexta, a Shakira veio pra cá. O Canela meio abatido hoje. Parece que ele está meio gripado".

Bárbara Rubira: Várias coisas continuam iguais. Não só a corujice do Alberto, que agora tá mais direcionada para os cachorros. Mas também as notícias. Algumas parecem se repetir desde os primeiros cadernos: aquecimento global, epidemia de dengue, inflação.

Alberto Villas: E umas coisas sem fim. Assim: luta na Palestina.

Maria Clara Villas: E encadernar, você encaderna com a mesma pessoa ainda, pai?

Alberto Villas: Ele sabe a nossa vida toda.

Maria Clara Villas: Ah, ele lê?

Bárbara Rubira: Virou um folhetim pra ele!

Alberto Villas: Lê, e comenta: "Ih, sua sogra morreu. A Maria Clara passou no vestibular! A Marília saiu da escola?"

Bárbara Rubira: Os registros dos cadernos da família Villas são banais, rotineiros. Pro cara que encaderna tudo, deve ser uma boa leitura naquela hora de sentar um pouco e passar um café. Tem um certo valor também pras próximas gerações da família, pra algum curioso como eu que queira folhear algumas edições. Ou quem sabe pra algum historiador que queira um retrato de uma família comum num recorte específico de tempo.

Maria Clara Villas: É uma coisa que eu acho que, pro futuro, vai ser uma coisa curiosa assim, alguém ter esse registro aí. Algumas décadas de uma família em São Paulo, de classe média, que nada também de extraordinário aconteceu, apesar de, né, nossas vidas são extraordinárias pra gente, mas nada assim, a gente não tá curando doenças ou sendo atores de cinema, mas enfim, a nossa vida tá lá, registrada.

Bárbara Rubira: A ideia dos cadernos surgiu porque o Alberto queria guardar os primeiros anos da vida dos filhos, salvar essas memórias, pegar tudo e colar antes que na mente deles aquele dia virasse uma página em branco. Mas claro que tem certas coisas que são difíceis de registrar. De colocar ali, em palavras, no papel. Deve ter muita coisa que ficou de fora dos registros porque nunca foi dita. Ficou só no pensamento, no sentimento de cada um. Então, como registros de memória, os cadernos não são infalíveis. Mas, como o Alberto escreveu lá no aniversário da Marília, em 2001, tudo isso é uma herança que ele deixa para os filhos.

Branca Vianna: Essa foi a Bárbara Rubira, produtora da Rádio Novelo.

A segunda história dessa semana quem conta sou eu. Com a ajuda da Luciana.

ATO 2

Luciana Franzolin: Meu nome é Luciana Franzolin, eu sou natural da cidade de Bauru, no interior de São Paulo.

Branca Vianna: Há muito tempo, eu tinha curiosidade de entrevistar alguém como a Luciana.

Luciana Franzolin: Trabalho desde cedo como fotojornalista. Comecei em um jornal local, aí passei por São Paulo, e me mudei para Londres, inicialmente para passar um ano estudando inglês, mas acabei ficando dez e comecei a trabalhar com a London School of Photography.

Branca Vianna: Hoje, a Luciana mora em Chipre.

Luciana Franzolin: Eu fui casada com um cipriota, tive um filho e nós estávamos morando no Brasil.

Branca Vianna: Eles acabaram se separando, o ex-marido quis voltar pro Chipre, e ela resolveu embarcar junto pra facilitar com a guarda compartilhada do filho no meio da pandemia. Isso foi em 2021. A ideia era só passar um tempo, ajeitar a vida. A Luciana já estava se preparando pra voltar pro Brasil quando aconteceu essa coisa que me fez querer entrevistar ela.

Luciana Franzolin: Eu lembro de dois dias antes, uma festa que a gente foi e aí eu não lembro de mais nada. Eu lembro que eu tive uma dor de cabeça muito forte e liguei pra minha amiga Marina, que mora aqui, é brasileira também e eu acabei conhecendo aqui e falei: "Pelo amor de Deus, me traz Dorflex, porque aqui não vende dipirona, e Dorflex era a única coisa que passa minha dor de cabeça." E eu liguei pra ela e ela veio, deixou na minha caixinha de correio e saiu. Eu tinha combinado de almoçar com o meu namorado. E ele me ligou e eu falei: "Amor, desculpa, mas não tô bem. Eu vou ficar em casa que eu tenho que ficar no escuro e sem barulho, sem nada, naquele isolamento". E ele decidiu vir pra me checar, pra ver como que eu estava. E com certeza ele salvou a minha vida, porque ele chegou e eu já comecei a ter convulsão, e ele ligou para o resgate e já vieram me pegar e cortaram o meu

vestido que eu estava vestindo com uma tesoura. Depois eu até fiz um autorretrato vestindo o mesmo vestido.

Branca Vianna: A Luciana sofria com enxaqueca desde os sete anos de idade, então infelizmente ela estava bem acostumada com essas dores de cabeça insuportáveis. Mas o que aconteceu naquele dia não foi uma enxaqueca. Foi um aneurisma. Um coágulo de sangue no cérebro que estourou, e criou uma pressão imensa dentro do crânio dela. Nesse dia, a Luciana entrou em coma.

Luciana Franzolin: Fui para Israel, fui para a Grécia, para Atenas, para fazer cirurgias, mas não me lembro de nada.

Branca Vianna: Eu nunca tinha conversado com alguém que tivesse passado tanto tempo em coma. Ou qualquer tempo em coma. É uma dessas coisas que a gente acha que só existe em filme, mesmo. Primeiro, eu queria saber como é acordar de um apagão desses. Se você tem a impressão de só ter dormido. Ou se é que nem anestesia geral, que parece que você só piscou e se teletransportou pra outro lugar, pra outro tempo, pra outra cama.

Luciana Franzolin: É como se eu não tivesse passado por nada. Não lembro. Minha mãe usava uns florais, cheirinhos assim pra fazer massagem e tal, uns olinhos. E esses dias eu peguei um dos vidrinhos e cheirei e me recordei da essência. E tem as fotos tal que eu vejo, mas pra mim é um branco total. Depois voltei ao mesmo hospital para fazer uma tomografia. Os enfermeiros me reconheceram. Dois enfermeiros vieram falar comigo. E eu: "Gente, quem são essas pessoas?"

Branca Vianna: O aneurisma foi no dia 18 de outubro de 2021. E a Luciana só começou a acordar seis meses depois – em abril de 2022. E eu tô dizendo "começou a acordar" porque não é só pimba – abriu o olho, tudo normal. Em um primeiro momento, a Luciana ficou oscilando entre a lucidez e o sono.

Luciana Franzolin: Eu tinha acordado numa cama, mas tinham duas camas e às vezes eu me via ou me imaginava numa cama, na outra cama, apesar de eu nunca ter mudado de cama. Mas na clínica senti os passarinhos, os decalques de passarinho no teto. E eu lembro de ter visto aqueles passarinhos.

Branca Vianna: A Luciana lembra de ver a mãe do lado dela na cama quando ela acordou.

Luciana Franzolin: Sentou do meu lado e ia falando devagar, conversando – ela explicando, e eu tentando me recordar.

Branca Vianna: A ficha foi caindo aos poucos.

Luciana Franzolin: Perguntei o que tinha acontecido, né. E aí, devagarzinho, eles foram me contando tudo que eu tinha passado, me mostrando fotos, mostrando imagens, e devagarzinho tudo vai se encaixando. Ainda tem, ainda tem dia que fico sabendo de coisa que aconteceu durante esse período que eu estava fora.

Branca Vianna: Nesse período em que a Luciana "estava fora", ela perdeu amigos. E ela ganhou parentes. O filho dela cresceu. Mas a notícia que a Luciana ficou sabendo – e que levou a gente a se deparar com a história dela – desembocou numa postagem que ela fez no Facebook, e que o Anderson França compartilhou. Ela escreveu assim – abre aspas: "Gente, o Olavo de Carvalho morreu enquanto eu estava em coma. Que bênção!" Fecha aspas.

Assim, eu queria saber quem que tinha tido a ideia de contar pra Luciana que o Olavo não tava mais entre nós. Tipo, primeiro item da pauta: você estava num coma. Segundo: atualizações da família. Terceiro: Olavo de Carvalho morreu.

Luciana Franzolin: Não foi ninguém que me contou. Eu dei um search no Google e acabei vendo. Foi isso. Descobri sozinha. Ninguém me contou, não.

Branca Vianna: Ok, essa cena que eu criei aqui na minha cabeça caiu por terra. Mas eu continuei achando essa parte importante. Porque apesar da idade avançada do Olavo de Carvalho, ele tinha atingido um status tão de "vilão de filme" que a gente começava a duvidar da mortalidade dele. Ele estava velho, andava doente, não era pra surpreender ninguém. Mas quando ele morreu, foi um susto tremendo. Porque ele parecia um inimigo intransponível, invencível, que ia ficar formando alunos durante décadas e décadas de inferno brasileiro. E, de repente, acabou. Imagina você dormir e acordar pra essa realidade.

Eu conversei com a Luciana em janeiro de 2023, nove meses depois que ela começou a acordar. Ela ainda não estava cem por cento, mas estava bem próximo disso. E ela tinha evoluído muito desde que acordou.

Luciana Franzolin: Precisava de um guindaste para me levantar da cama, me colocar na cama. Comecei mexendo um dedo só, cadeira de rodas. Aliás, acabei de pegar a minha cadeira de rodas que estava aqui aposentada para a gente doar, e depois com andador e bengala e agora eu estou até sambando. Depois no fim eu dou uma sambadinha pra você ver.

Branca Vianna: Ela sambou mesmo – como prova de excelente coordenação motora – e também de excelente humor. Porque, no fim, o Olavo de Carvalho não foi a única dor de cabeça da qual a Luciana se livrou nesse tempo de coma.

Branca Vianna: E a enxaqueca? A enxaqueca passou, melhorou ou você ainda tem?

Luciana Franzolin: Passou. Incrivelmente passou.

Branca Vianna: Eu fiquei pensando que a Luciana é como uma viajante no tempo. Claro, ela não saiu da nossa linha do tempo, ela não feriu nenhuma lei do universo. Mas ela efetivamente pulou de outubro de 2021 pra abril de 2022.

E tem duas coisas aí. Uma é meio um lugar-comum – mas que precisa ser dito nesse caso. É que, nesses últimos anos de pandemia – nesse borrão de reuniões online, doses de vacina e álcool em gel –, as nossas memórias se desprenderam um pouco do calendário. Eu não tenho ideia do que aconteceu no Brasil e no mundo entre outubro de 2021 e abril de 2022. Do que mais, além da morte do Olavo, aconteceu enquanto a Luciana estava em coma. Então a gente resolveu pedir ajuda. Ajuda pra você, no caso. Para os ouvintes do Rádio Novelo Apresenta.

Ana Paula: Olá! Atendendo um pedido da Rádio Novelo sobre o lapso temporal de outubro de 2021 a abril de 2022.

Branca Vianna: A gente pediu nas redes da Rádio Novelo para os ouvintes contarem pra gente o que tinha acontecido nesse meio tempo. Para saber o que marcou. No mundo, na vida. E veio de tudo.

Renata: Bom, nesse período teve um grande questionamento de vai ter ou não Carnaval esse ano? No ano de 2022.

Branca Vianna: Teve Carnaval. E não só um. A Luciana perdeu dois Carnavais – um oficial e um proibido.

Camila: Eu acredito que duas coisas me marcaram nesse período que foi a morte da Marília Mendonça e o início da guerra.

Samira: No final de fevereiro de 2022, a Rússia invadiu a Ucrânia

Ana Paula: Em março que foi divulgado o relatório do IPCC. O Brasil colocado como área sensível, que a elevação de 1,3 graus Celsius já era considerada inevitável.

Vinicius: Atlético Mineiro, o Galo, meu time do coração, que não era campeão do Campeonato Brasileiro de Futebol há mais de 40 anos, foi campeão em um campeonato histórico e, além disso, ainda levou a Copa do Brasil para casa.

Branca Vianna: A maioria das mensagens que chegaram tinha a ver com eventos grandiosos – da guerra à vitória do Atlético Mineiro. E essa curadoria de eventos que os ouvintes mandaram com certeza vai ajudar a Luciana a se situar no tempo. Mas estava faltando alguma coisa. E foi só depois, quando a gente estava pensando em como compor esse episódio, que a gente teve uma ideia. Uma ideia que agora, ouvindo o episódio, talvez já tenha te ocorrido. De repassar esse pedido de ajuda para uma pessoa que estava prestando muita atenção durante aqueles seis meses. Porque ele tá prestando atenção em todos os dias há anos.

Então a Bárbara Rubira voltou a procurar o Alberto Villas. E ele mandou pra gente uma lista das coisas que aconteceram – e que ele anotou naquele intervalo do coma da Luciana. O Alberto pinçou tanto coisas do noticiário quanto da vida da família dele. Por exemplo: em outubro de 2021, o Alberto anotou que tomou a terceira dose da vacina de Covid. E que, logo em seguida,

o Bolsonaro disse que a vacina podia causar Aids. E que depois o Bolsonaro foi desmentido, claro. Alguns ouvintes também mandaram relatos da vida pessoal:

Ariana: Me casei em outubro de 2021.

Thiago: Foi exatamente o tempo que eu fiz a minha primeira pós-graduação

Branca Vianna: Em dezembro de 2021, o Alberto escreveu: Lula, 47. Bolsonaro, 21. Era o Datafolha daquele dia, um ano antes das eleições de fato. O Alberto também catou uma notícia que veio do céu: "Nasa lança o satélite James Webb". E outra notícia vindo do chão: "Imagens de covas com mortos da Covid impressionam o país". Em 2022, lá em fevereiro, o Alberto escreveu um obituário breve: "Morre Pitoco, cachorro do meu irmão. Ele está arrasado. Mais de 20 anos".

Milene: Em fevereiro de 2022, abri uma lacuna no tempo da minha vida que nunca mais vai fechar: no dia do aniversário da minha mãe, ela faleceu.

Branca Vianna: Em março de 2022, quando a Luciana estava quase acordando do coma, o Alberto registrou que um supermercado de São Paulo trancou a carne, que estava cara demais, numa geladeira. E que o Will Smith deu um tapa na cara do Chris Rock na cerimônia do Oscar. Esses fragmentos daqueles meses talvez ajudem a Luciana a entender o que ela perdeu enquanto ela estava em coma. Mas eu, que estava acordada, entendi uma coisa nova olhando pra tudo isso: esse não foi um intervalo de tempo muito agradável de viver.

Nesses últimos anos – não sei desde quando vem essa sensação, mas não dá pra ignorar – acho que todo mundo vem sentindo uma coisa de "ai, passa logo". Pandemia, guerra, eleições, estresse de trabalho, notícias, desgraça demais. É tanta coisa que às vezes dá vontade de desligar um pouco. Hibernar enquanto a gente aperta um fast-forward na vida.

E olhando pra esse passado também bate um sentimento de "uau, olha tudo o que a gente passou". Poder lembrar do que aconteceu, por mais difícil que seja, é muito valioso. E aí eu lembrei de uma coisa. De uma obsessão que a

Flora Thomson-DeVeaux – diretora de pesquisa da Novelo – tá carregando desde a época em que a gente fez o nosso primeiro podcast original, o Praia dos Ossos. E essa obsessão da Flora tem tudo a ver com o que a Luciana passou.

ATO 3

Flora Thomson-DeVeaux: Quando a gente se pôs a pesquisar a história da Ângela Diniz, a gente também teve que viajar no tempo – só que pra trás, né? É que nem aquela frase: o passado é uma terra estrangeira. Tem coisa lá que a gente consegue identificar, que tá igualzinha hoje em dia e tem coisa que a gente nem consegue entender direito, de tão alienígena. Não é só coisa que a gente não faz mais hoje em dia – mas sabe que já existiu. É coisa que a gente nem concebe. Ou pelo menos eu não concebía. E, durante a pesquisa para o Praia dos Ossos, eu topei com uma coisa assim.

Pra quem não ouviu o Praia dos Ossos – primeiro, sugiro correr lá depois desse episódio, porque, modéstia à parte, acho que você vai adorar – mas pra quem não ouviu, ou não tá lembrado, a gente contou sobre a vida e morte de uma mulher, uma socialite chamada Ângela Diniz, e como os dois julgamentos do assassino dela, o Doca Street, acabaram mudando a história do Brasil.

E não é nenhum spoiler que eu dei agora sobre quem matou a Ângela. O assassino era conhecido desde o primeiro instante depois do crime. E ele era o namorado dela, da Ângela. Ex, na verdade, porque ela tinha acabado de terminar com ele. Mas enfim. O Doca, depois de matar a Ângela, fugiu e ficou um tempinho fugido. E, quando ele finalmente foi se entregar pra polícia, ele foi parar numa cela – uma cela imunda, segundo o advogado dele – na delegacia de Cabo Frio, na região dos Lagos do Rio. Daí o advogado chamou um psiquiatra, porque ele queria tirar o Doca logo daquele lugar.

Ivo Saldanha: Aí levaram lá para o Santa Isabel, nós internamos, imediatamente chamei uma equipe e começamos a fazer uma sonoterapia nele.

Flora Thomson-DeVeaux: Esse é o psiquiatra Ivo Saldanha, falando com a Branca sobre o que ele fez com o paciente mais ilustre dele, o Doca Street.

Branca Vianna: E o que é a sonoterapia?

Ivo Saldanha: A sonoterapia é você fazer uma sedação no paciente, nesses momentos tumultuados, de estresse, e que ele poderia, a qualquer momento, ter uma ansiedade exacerbada ou um surto, um estresse muito grande. A pessoa fica dormindo, quando você quer manter um período maior. Às vezes, você acorda o paciente para conversar, para ver como é que ele está, se ele está orientado, como é que estão os pensamentos dele, se ele está tranquilo, se ele está calmo.

Flora Thomson-DeVeaux: Sonoterapia. Eu nunca tinha ouvido falar disso. Então eu fui atrás. Aqui um "recorte" da hemeroteca que eu guardei. Manchete, 1961. Abre aspas: "Uma nova moda está se impondo: as 'férias de pijama', durante as quais os pacientes, homens ou mulheres, não escalam montanhas ou se dedicam à pesca ou a outras atividades esportivas. Ficam, apenas, na cama, dormindo continuamente e dando, assim, um bom repouso aos nervos. A isso chamam os norte-americanos de 'deep continuous sleep treatment', os franceses 'cure de sommeil', os alemães 'Dauer Narkose', os italianos 'una sbronza di branda' e os brasileiros, sonoterapia." Fecha aspas.

Se você jogar "sonoterapia" no Google agora, você encontra vários tipos de tratamento diferentes. A maior parte, aliás, voltada pra melhorar a qualidade do sono. Mas, durante a maior parte do século passado, "sonoterapia" queria dizer: usar remédios pesados pra induzir o sono durante dias a fio.

A terapia foi popularizada nos anos 20 do século passado, por um médico suíço chamado Jakob Klaesi. O Dr. Klaesi usava a técnica pra combater as alucinações da esquizofrenia – que ele achava que eram causadas por um sistema nervoso agitado. Se o paciente conseguisse dormir e sossegar um pouco, as alucinações podiam passar. Tem uma lógica muito atraente aí. Quem nunca ficou com vontade de dormir uma semana seguida pra ver se as coisas não melhoravam? Tirar um tempinho de "férias do pijama"? Mas não é tão simples assim.

Ivo Saldanha: Você tem que saber usar essa medicação.

Branca Vianna: Saber dosar.

Ivo Saldanha: Dosar essa medicação.

Branca Vianna: Se a dose for errada, o que que acontece?

Ivo Saldanha: Não, você pode exagerar.

Branca Vianna: Pode matar?

Ivo Saldanha: Pode.

Flora Thomson-DeVeaux: Lá nos anos 20, no primeiro teste que Dr. Klaesi – o médico suíço – fez, ele aplicou morfina e barbitúricos em 26 pacientes – a maioria internado por esquizofrenia. Essas cobaias foram submetidas a um sono químico durante 10 dias. Parece que oito delas tiveram uma melhora no quadro. Mas três mulheres morreram na experiência.

E não é difícil entender por quê. O médico disse que as três já estavam fisicamente debilitadas. Mas se a gente pensar que anestesia geral já é um procedimento arriscado, e se tem gente que sofre parada cardíaca por overdose de barbitúricos, dá pra fazer as contas e calcular o risco de manter uma pessoa dormindo durante dias e dias. A taxa de mortalidade do tratamento era em torno de 3 a 5 por cento. Mas, lá pro meio do século passado, a terapia começou a ficar meio chique. A Brigitte Bardot fez. A Judy Garland fez. O Yves Saint-Laurent também.

No Brasil, a cantora Maysa usou a técnica pra perder peso. O Grande Otelo fez várias vezes pra se recuperar de estafa e ganhar peso. E o Garrincha também, pra lidar com uma crise de depressão e hipertensão. Um dos divulgadores mais entusiasmados da terapia foi, surpreendentemente, o Carlos Lacerda. Ele escreveu um ensaio na revista Manchete em 1967 sobre como ele descobriu a sonoterapia na Suíça. Vou ler aqui um trechinho – abre aspas: “Em vez de esperar que a doença de nervos, seja qual for, o arrase, o camarada se recolhe a um estabelecimento especializado e, mediante certas drogas, sob controle médico, reduz o esforço de viver ao mínimo; durante algum tempo, simplesmente vegeta”. Fecha aspas. O jeito que ele descreve a experiência de sair do sono parece mais uma viagem de ácido. Olha só – aspas de novo: “Um bem-estar completo, uma força muito leve, mas muito poderosa. O quarto banal tinha uma amplitude desconhecida, o branco da parede impressionava mais, assim branco, do que o que o mais

colorido. Tudo estava em mim, o poder de me abstrair completamente”.
Fecha aspas.

Vale dizer que o Lacerda escreveu esse texto em parte pra explicar a experiência dele, e em parte pra falar sobre o estigma do tratamento. Os inimigos políticos dele – que não eram poucos – diziam que ele era tão louco que nem a sonoterapia ia resolver. Nessa época, a sonoterapia era um negócio paradoxal – ao mesmo tempo usada pelas celebridades mais famosas, e aplicada nos manicômios onde os pacientes estavam mais abandonados. Isso aqui e lá fora.

Na União Soviética, pesquisadores chegaram a achar que a sonoterapia podia ser um jeito legal de "desprogramar" alguém que estava com comportamentos destrutivos. Nos anos 70, o Royal Waterloo Hospital, em Londres, tinha o chamado "quarto das zumbis". Lá, mulheres supostamente "intratáveis" – diagnosticadas com qualquer coisa, desde depressão pós-parto até anorexia – recebiam grandes doses de barbitúricos e choques enquanto elas dormiam. Uma das pacientes disse depois que viver lá era como ser enterrada viva.

E a técnica não era usada só em spas e manicômios. Ela também aparecia nos casos de polícia. Um dos primeiros casos que eu vi é de 1959. Foi de uma moça, que foi atacada no Aterro do Flamengo, e estuprada. Submeteram ela a oito dias de sonoterapia – entre aspas, "para não enlouquecer".

Em 1961, teve outra vítima de estupro – essa menor de idade – que também foi submetida a sonoterapia. Mas, dessa vez, a terapia não foi indicada com o propósito de "prevenir ela de enlouquecer". Foi porque – segundo a matéria, ela "sofria de fortes emoções amorosas, suscitadas principalmente por simpatias profundas que nutria pelo suposto estuprador". Mas não eram só as vítimas e as pessoas traumatizadas que passavam pela sonoterapia. O cara que matou a Aída Curi – outra vítima famosa de feminicídio – também foi encaminhado pra sonoterapia depois.

A sonoterapia tinha virado pau pra toda obra. Uma panaceia que resolvia qualquer problema – desde sobrepeso até trauma violento. Pessoas que tinham sido torturadas na ditadura fizeram sonoterapia. Quando aquele embaixador americano foi solto do cativeiro, o pessoal achou que podia ser uma boa ele tirar umas férias do pijama depois do estresse. Mas ele negou,

porque ele não estava a fim de passar mais tempo ainda num lugar confinado.

E aí a gente chega no caso do assassinato da Ângela Diniz, no finzinho de 1976. O Dr. Ivo Saldanha tirou o Doca Street da cadeia, e botou ele pra dormir durante umas duas semanas. A mãe da Ângela, que estava em choque depois do enterro, também foi fazer a cura do sono. Era uma terapia, assim, tamanho único: servia pra vítimas, pra familiares das vítimas, pros assassinos e – por que não? – pras testemunhas também.

Ivanira Gonçalves: Tratamento de sonoterapia você fica drogada, você dorme o dia inteiro, e ninguém pode te acordar, ninguém pode te incomodar.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa é a Ivanira Gonçalves. Ela era a copeira da casa na Praia dos Ossos, onde o Doca Street matou a Ângela Diniz. Ela estava lá naquele dia. E ela também foi paciente do Dr. Ivo. Até por isso, ela mal lembra do que aconteceu nos meses depois do crime.

Branca Vianna: Eles te dão remédio pra dormir?

Ivanira Gonçalves: Dão remédio pra dormir. Remédio superforte.

Branca Vianna: E quanto tempo você fez isso, esse tratamento?

Ivanira Gonçalves: Ah, eu fiquei quase trinta dias.

Flora Thomson-DeVeaux: A Ivanira, ao contrário do Doca, fez o tratamento em casa. Porque, por motivos totalmente compreensíveis, ela não quis ficar no mesmo hospital que o assassino. Durante a pesquisa, eu topei com duas reportagens sobre pessoas no Brasil que morreram durante sessões de sonoterapia. Uma mulher em 1961 e um homem em 1972. Curiosamente, os dois morreram na mesma clínica: a São Vicente, na Gávea.

É o tal risco de que o Dr. Ivo falou. Se pesar a mão, pode ser fatal. E isso aconteceu numa outra escala na Austrália. Em um único hospital, um médico chamado Harry Bailey submeteu mais de mil pacientes a sonoterapias prolongadas e profundas. Em outros lugares, os pacientes eram acordados

algumas vezes por dia pra ir ao banheiro. Mas os pacientes do Dr. Bailey estavam tão dopados que eles tinham que ser alimentados por sonda.

Ao longo de quinze anos, 25 pessoas morreram e centenas ficaram com sequelas do tratamento com ele. O Dr. Bailey se matou nos anos 80. Esse caso virou um escândalo tão grande que teve até uma CPI – e a sonoterapia foi banida da Austrália no começo dos anos 90. Mas, enquanto a sonoterapia virou um trauma nacional do outro lado do mundo, aqui no Brasil ela só caiu no esquecimento.

Eu fiquei pensando nessa história toda – nessas pessoas todas dormindo um sono químico em tantas camas ao longo de tantos anos, querendo descansar, querendo fugir, querendo alívio, querendo esquecer. Parece fazer sentido que até a própria técnica tenha sido esquecida também. Como se até a sonoterapia fosse uma memória da qual a gente quisesse se livrar.

E eu fiquei pensando na Luciana Franzolin, que passou seis meses em coma – e que depois de viajar pra frente no tempo, agora tá viajando pra trás. Tentando preencher esse buraco. Porque nuns momentos de desespero, a gente pode até querer tirar umas férias do pijama. Mas depois o bom é acordar.

Branca Vianna: Essa foi a Flora Thomson-DeVeaux, diretora de pesquisa da Novelo – que queria que eu reforçasse aqui o quanto que ela tá feliz de finalmente poder contar pra vocês sobre a sonoterapia.

A gente agradece muito a todos os ouvintes que enviaram mensagens de voz pro WhatsApp da Rádio Novelo, ajudando a gente a preencher a lacuna de eventos durante o coma da Luciana. Infelizmente a gente não conseguiu incluir todas as mensagens aqui – e nenhuma delas tá na íntegra. Mas as vozes que você ouviu aqui são, na ordem: da Ana Paula, da Renata, da Camilla, da Samira, do Vinicius, da Ariana, do Thiago, e da Milene. Os nomes de todas as outras pessoas que mandaram mensagens pra gente você encontra no site radionovelo.com.br.

Obrigada por acompanhar a gente até aqui em mais esse episódio. Se você tá gostando do Rádio Novelo Apresenta, um jeito excelente de apoiar a gente é

dando cinco estrelas no tocador de podcast que você usa – e também deixando um comentário por aí.

Se você chegou no programa agora, tem muito episódio antigo pra você ouvir. Na verdade, nem faz sentido chamar de "antigo" porque a gente procura sempre fazer histórias que vão ser interessantes hoje e daqui a dez anos, então pode ir sem medo.

Também dá pra ver material extra no nosso site, radionovelo.com.br. Essa semana, tem fotos dos cadernos da família Villas, e fotos da Luciana – inclusive aquele retrato que ela tirou com o vestido rasgado depois de sair do coma.

Se você ainda não fez isso, também recomendo demais assinar a nossa newsletter – que além de te lembrar de ouvir o episódio da semana, tem sempre dicas culturais da nossa equipe. A gente tá sempre procurando histórias. E dá pra mandar sua sugestão pro nosso e-mail, que é apresenta@radionovelo.com.br.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations. Toda quinta-feira tem episódio novo. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vítor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães. As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Gabriela Varella, a Júlia Matos e a Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pelo Gilberto Porcidonio – que também é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

A Luiza Silvestrini colaborou na montagem. A Paula Scarpin fez o desenho de som. Nesse episódio, a gente usou música original da Luna França e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela Bia Ribeiro. O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.